

QUAL O JOGO DE MENEM?

José Barney

O presidente Menem, querendo ou não, está sendo um instrumento do governo americano para desestruturar o Mercosul. Suas declarações vetando a presença do Brasil no Conselho de Segurança das Nações Unidas são, no mínimo, um gesto de quem não avaliou bem as dimensões históricas do atual relacionamento Brasil-Argentina, o que é muito lamentável e nos enche de profunda decepção.

Depois de tantos anos de divergências, de tanto esforço para superá-las, do estabelecimento de relações de cooperação e conjugação de esforços para crescermos juntos, o mandatário maior da Argentina, não refletindo o sentimento do seu povo, assume uma atitude menor, ao afirmar que a presença do Brasil no Conselho de Segurança das Nações Unidas "importa num desequilíbrio da região". Essa história é de rivalidades passadas e ultrapassadas. Não existe nenhuma hipótese de confronto entre nossos países, somos o continente mais pacífico da face da Terra, e, portanto, o fato de o Brasil assumir responsabilidades de segurança mundial devia ser motivo de solidariedade, como seria obrigação nossa, se isso acontecesse com a Argentina.

Nesse episódio, o presidente Menem é o inocente útil ou, inconscientemente, desagregador do que encontrou unido, ou assume uma postura de submissão aos interesses daqueles que querem destruir o Mercosul. Ambas as posições são preocupantes, com a agravante de que o veto do presidente argentino foi feito por intermédio de um jornal, em entrevista a um repórter americano. No mínimo sua posição teria sido mais cortês se usasse os canais diplomáticos, tão fluidos em nossas relações.

Todos sabemos que por trás de toda essa história está a inconformação do governo dos Estados Unidos com o Mercosul e a tentativa de desestabilizá-lo, dissolvendo-o na Alca.

Há seis meses abordei, aqui, minhas preocupações. O governo americano procurava os argentinos para propor que eles entrassem para o Nafta (Tratado de Livre Comércio, EUA, Canadá e México), independentemente do Brasil. No mesmo sentido acolheriam o Chile. A manobra não prosperou pela resistência da oposição argentina, que vislumbrou nessa proposta uma manobra divisionista; a outra resistência foi do Congresso Americano, que se recusou a dar o fast track para admitir novos sócios ao Nafta.

Ao mesmo tempo, a diplomacia americana acenava com a venda de aviões de última geração para o Chile, para alarmar a Argentina, e, numa manobra, procurava tranquilizá-la, oferecendo-lhe esta coisa esdrúxula: "sócio não aliado da Otan, o Tratado do Atlântico Norte", um pacto militar do tempo da Guerra Fria. Quais são os países que têm essa condição? Israel, onde existe o vulcão do Oriente Médio, e Coréia do Sul, onde há a histórica ameaça da Coréia do Norte. E aqui? Quem quer invadir a Argentina? Brasil, Paraguai, Bolívia, Uruguai? Que motivações fazem a Argentina necessitar do guarda-chuva nuclear americano? Esse simbolismo dito pela secretária Albright é ridículo e inconsistente.

Outro cerco foi o de antecipar a Alca (Área de Livre Comércio das Américas), porque ela será um buraco negro para devorar o Mercosul e todos os pactos econômicos do continente. Em Belo Horizonte, a secretária do

Comércio dos Estados Unidos fez toda a série de ameaças. Brasil e Argentina resistiram. Agora, o que está ocorrendo com o presidente Menem?

Toda essa motivação tinha um objetivo oculto. Isolar o Brasil e, dessa forma, desestruturar o Mercosul. Já que economicamente é impossível, pois já construímos uma base sólida, busca-se esse jogo de poder, execrável, que a diplomacia americana não tinha o direito de fazer nesta região.

O chanceler argentino, Guido Di Tella, teve outra frase infeliz, que acredito a opinião pública do seu país não endossa, ao definir os objetivos do seu governo: "Queremos ter relações carnavais (sic) com os Estados Unidos".

A História está nos vigiando. Brasil e Argentina têm um destino comum neste continente. Dos nossos países devem partir a todos os demais os sentimentos de integração. Não devemos cair no jogo de interesse dos que querem nos desestabilizar. Estamos no começo da construção de um grande futuro. É necessário que os mandatários tenham consciência e visão estratégica. Libertamo-nos com o Mercosul, o que de mais forte aconteceu no Cone Sul depois da independência, em busca de um caminho próprio, capaz de negociar em pé de igualdade com os outros blocos mundiais.

Onde está o Conselho de Segurança da ONU em tudo isso? A idéia de modificação do atual formato do Conselho de Segurança da ONU foi proposta do Brasil, feita por mim, na Assembléia Geral de 1989. A composição atual reflete o mundo do após Segunda Guerra Mundial e não o mundo de hoje. A proposta dos novos cinco membros se destinava a com-

por o equilíbrio do quadro mundial. Pode-se pensar, com realismo, num Conselho de Segurança sem o Japão e a Alemanha? Pode-se pensar sem a Índia e o Brasil? Não é um cargo regional. É uma responsabilidade mundial que a história nos deu. É um encargo, é uma missão. Somos o quinto país do mundo, a oitava economia.

O Brasil não deve ir ao Conselho de Segurança da ONU pela mão de ninguém, nem por meio de campanhas diplomáticas, por mais altas que elas sejam, nem aceitar vetos do presidente Menem. Vai pelo seu peso específico. Como fomos participar da Segunda Guerra Mundial, quando, com grandes contingentes, estivemos em El Salvador, S. Domingos, Suez, Angola, Moçambique. Não o fizemos para receber recompensa de ninguém, e sim pela nossa responsabilidade com os ideais de paz e de liberdade.

O Brasil deve pedir aos Estados Unidos explicações sobre o significado de sócios da Otan em nossa região. O que isso significa, qual o simbolismo desse gesto? Por que os Estados Unidos consideram necessário o guarda-chuva nuclear da Otan para a Argentina?

Por outro lado, seria decepcionante se, por trás de tudo isso, estivesse um acerto diplomático dos americanos: ao Chile, aviões; à Argentina, a Nato; ao Brasil, o Conselho de Segurança.

Nesse caso, o jogo do presidente Menem é de cartas marcadas, e o nosso, de bobos. Esse fogo de artifício de mau gosto, se é sério, deve ser repellido; se é jogo combinado, é desmoralizante para o Brasil.

■ José Sarney é senador pelo PMDB do Amapá